

contribuição voluntária: 0,50

Suplemento especial Mês da Consciência Negra

Juventude

ÀS RUAS!



No ano em que se completam 20 anos da impunidade dos responsáveis pelo massacre do Carandiru, em que 44 mineiros em greve foram assassinados em Marikhana (África do Sul), em que a polícia bate seus recordes de assassinatos sob a faixada dos autos de resistência, e papel da Juventude e da classe trabalhadora reconhecer nos ataques do passado e do futuro o papel que o racismo cumpre para garantir que as primeiras vítimas sejam sempre negras. Em um mundo em crise, esse papel que o racismo cumpre toma proporções superiores, fazendo-se necessário que esse 20 de novembro não se resuma a uma data, mas prepare negras e negros para exigir justiça contra os responsáveis pelos assassinatos do passado, assim como organizar-se contra a precarização do trabalho, a violência policial, a especulação imobiliária, a expulsão dos quilombolas, o monopólio do agronegócio. Se o primeiro ataque foi e será sobre nós, cabe a nós negras e negros sermos a primeira fileira dos que lutam contra os parasitas e agentes do capitalismo.

DESDE 1500, A COR FAVORITA DA REPRESSÃO E DO TRABALHO PRECÁRIO E NEGRA

Por ANA CAROLINA OLIVEIRA

A história do negro após a libertação da escravidão sem emprego e sem terras tornou-se a história dos trabalhos precários. A transformação dos escravos em futura mão de obra extremamente precária foi aspecto chave para a manutenção da taxa de lucro da burguesia. No Brasil de hoje, o discurso de crescimento e melhorias graduais e lentas das condições de vida no Lulismo, continuados por Dilma, apoiam-se nas condições estruturais de trabalho precário e vida precária dos negros e pobres. Para manter essa situação a burguesia brasileira, ontem e hoje, necessita de um corpo armado especializado em silenciar os negros e pobres, criminalizando a pobreza, naturalizando o racismo, a precarização do trabalho, as diferenças de salários entre negros e brancos e o extermínio cotidiano da juventude negra das periferias. A burguesia precisa conceder migalhas e manter uma sistemática repressão para conter que estas contradições de classes se expressem em explosões sociais.

O governo Dilma, que acaba de aprovar cotas, é incapaz de tomar uma única medida para reverter o fato de que esse é o país onde 70% das mulheres negras que trabalham estão em trabalhos precários, ganhando a menor renda média nacional. No emprego doméstico, dos 7,22 milhões de ocupados, 93% são mulheres, a maioria, negra.

Segundo dados do Dieese, em 2009, as pessoas pardas ou negras ganhavam em torno de 70% dos rendimentos das pessoas brancas com 12 anos ou mais de escolaridade. Os negros ocupam 18% dos empregos sem carteira assinada, enquanto os brancos 13,8%.

O Haiti é aqui

Em São Paulo, com recente histórico de repressão policial na USP, Cracolândia e Pinheiro, só reafirma a política ofensiva de repressão do PSDB, que conta como braço armado com a polícia militar de São Paulo, resquício da ditadura militar e descendente dos bandeirantes que exterminavam e caçavam negros e índios, que se orgulha de ser uma mais assassinas do mundo.

A visão que a burguesia tenta passar como “firmeza” da polícia na guerra contra o PCC, significa toques de recolher impostos pela polícia e ocupações militares em favelas como São Remo (em torno da USP), Paraisópolis, Morro Doce, instaurando um clima de terror e deixando um saldo de mais de 300 jovens mortos no último mês, 95% a mais do que os homicídios no ano passado. O que a burguesia e a mídia tentam vender como guerra ao tráfico, é na verdade uma ruptura de um pacto espúrio que sempre existiu entre PCC e PM. A principal fonte de criminalidade se encontra na própria polícia, que prende, julga e mata sumariamente, praticando um verdadeiro genocídio contra a juventude e os trabalhadores negros e pobres, estes sim que nunca podem esperar de seus algozes nenhum tipo de segurança.

O prefeito eleito pelo PT – Haddad - se elegeu com “aliados” como Paulo Maluf que, além de agente da ditadura militar e corrupto, é padrinho da polícia militar e de sua tropa assassina de elite - a Rota. A gestão Haddad não será diferente do que todos os outros partidos, e assim como eles fará uso da repressão aos movimentos sociais e da violência contra os pobres e negros, com uso de uma polícia que tem isso como lema.



No Rio de Janeiro esta política é mais avançada. A consolidação das UPPs e o projeto de cidade orquestrado por Sérgio Cabral e Eduardo Paes, segue transformando profundamente a cidade, com privatizações, centenas de obras, remoções a serviço da especulação imobiliária, aumento do custo de vida e repressão cotidiana para tornar esta cidade vitrine do Brasil para o mundo. As UPPs não são um projeto de segurança, mas um projeto de cidade e de como gerir o imenso contingente de “pobres urbanos” do Rio de Janeiro. Tal plano de cidade tem orçamento e contingente policial de um lugar em guerra: a militarização no Rio de Janeiro concentra 1 policial a cada 80 habitantes nas comunidades ocupadas nas cidades, enquanto a média nacional é de 400 habitantes por policial- mais gastos do orçamento do estado com “segurança” do que com educação.

A burguesia necessita da repressão policial para abrir caminho para a especulação imobiliária: enquanto toda a cidade está repleta de favelas, 17 das 21 UPPs estão localizadas em áreas de evidentes interesses de especulação imobiliária. O Estado agora diz estar presente nestes lugares, como se já não estivesse presente pela sua ausência e abandono. A imagem de recuperar o orgulho carioca através da legitimação das ocupações militares e da violência policial serve para mascarar um estado de controle sobre a juventude negra e pobre, para manter a população disciplinada e garantir grandes contingentes de mão de obra barata, pois são nestes locais que estão os trabalhadores mais precários, sendo necessário garantir que estes não se revoltam com a repressão cotidiana que proíbe festas, músicas e churrasco onde moram e passem a questionar que esta cidade esta sendo reconstruída em cima do seu sangue e suor.

Por isso, a resposta que dá o PSOL com a

O governo Dilma, que acaba de aprovar cotas, e incapaz de tomar uma única medida para reverter o fato de que esse é o país onde 70% das mulheres negras que trabalham estão em trabalhos precários, ganhando a menor renda média nacional.

A principal fonte de criminalidade se encontra na própria policia, que prende, julga e mata sumariamente, praticando um verdadeiro genocidio contra a juventude e os trabalhadores negros e pobres

política de UPPs “sociais” que mantém a repressão como necessidade, o fato de que o candidato a prefeito Marcelo Freixo em seu programa político não continha uma sequer palavra sobre repressão policial ou negro e ainda a política do PSTU e outros setores da esquerda, que são contra as UPPs, mas defendem os policiais e bombeiros como trabalhadores em seus motins, são totalmente insuficientes, sendo necessário levantar que não será pelas mãos da policia o combate à violência e nem à “segurança”, mas pela autodefesa dos negros e pobres que como a parte mais massiva da classe trabalhadora, deve se colocar como vanguarda e não confiar em seus inimigos de classe, levando assim uma luta totalmente independente da burguesia e de seus aparatos policiais.

O governo Dilma que através da Comissão Nacional da Verdade e da implementação de cotas faz demagogia de democrático, esconde que para cada uma dessas políticas existem limites reais. À CNV impõe que não punirá os torturadores, muitos dos quais seguem liderando e influenciando as políticas de segurança de vários Estados (Em São Paulo, a PM carrega dentre suas estrelas, homenagens ao massacre de Canudos, a repressão ao movimento de João Candido e a “Revolução” (!!!) de 64). A contra cara que o governo tenta esconder é que as limitações das suas políticas ditas “democráticas” já poderiam ter sido previstas ao saber-se que esse é o governo que, servindo ao Imperialismo americano, envia tropas de assassinos e estupradores para “pacificar” o Haiti, que aplaude as ocupações de morros no Rio, que senta para negociar auxílio ao massacre que se segue em São Paulo, lembrando a todos que o Haiti é aqui. Sem fronteiras, lutaremos contra a repressão que sofremos aqui e contra os ataques aos trabalhadores e povo pobre em todo o mundo.

A crise se acirra, o apartheid acorda

No último 14 de Novembro, a classe trabalhadora junto à juventude paralisou a Europa, Espanha, Grécia, Portugal, Chipre, Malta e por algumas horas na



Itália fizeram uma histórica greve geral mostrando o potencial de unidade da classe trabalhadora para impor que os capitalistas paguem pela crise. Em cada luta, cada manifestação da juventude e dos trabalhadores contra o destino de miséria que tenta impor a Troika e o imperialismo internacional, vemos a policia a serviço de impedir, reprimir, perseguir e prender lutadores para assegurar a manutenção da ordem social da exploração de miséria e opressão, o lucro da burguesia internacional em meio a crise econômica mundial.

A crise vem se aproximando de países com histórias trágicas de opressão colonial. No caso da greve dos mineiros de Marikana, na África do Sul, foi possível ver do que é capaz a burguesia quando vê seus negócios ameaçados em tempos de tantas perdas econômicas. O governo de Jacob Zuma, do Congresso Nacional Africano, herdeiro de Nelson Mandela, demonstrou a verdade por trás do governo que “vai acabar com a divisão racial do apartheid”, e com o uso de seu aparelho policial condenou 44 grevistas à morte, chacina que não se vê desde que o apartheid acabou em 1994.

Tal situação mundial impõe aos negros e negras respostas rápidas e decididas no sentido de se verem como parte da classe trabalhadora, exigindo dos sindicatos,

entidades estudantis e todos os trabalhadores e jovens não organizados que pautem imediatamente os ataques que, a princípio, serão desferidos contra esse setor da classe, e que se passarem, servirão de base para fortes ataques ao conjunto da classe e da juventude. É preciso que se lute imediatamente pelo fim do trabalho precário e da carestia de vida, pelo fim da repressão, pela reforma agrária e urbana, democratização radical do sistema de saúde e de educação. Nada disso será possível sem a independência dessa classe, que quando se alia com a burguesia para reivindicar suas demandas, faz apenas aumentar as ilusões em conquistas parciais que nunca chegam, ou mesmo entrega suas demandas a uma derrota só reversível após décadas e mais décadas de carestia.

Fora PM das escolas, universidades, favelas e periferia!

Pela punição imediata aos torturadores de ontem e hoje!

Em defesa do internacionalismo: Fora as tropas brasileiras do Haiti! Punição aos mandantes e executores do massacre de Marikana!

Pela reforma urbana e agrária com independência de classe!



O governo de Jacob Zuma, do Congresso Nacional Africano, herdeiro de Nelson Mandela... condenou 44 grevistas a morte



FORA DMODAS
FAVELAS
DE FORTIAS E
MORROS

ABAIXO REEPRESSA

TUDO NA
PAZ, N
LA QU
PULITICAS
PUBLICAS,
NÃO TIROS!

QUEREMOS
PAZ



Punicao aos

torturadores

de ontem e

hoje!

**A DITADURA
ACABOU...
FALTA AVISAR
A POLÍCIA!**





EDUCAÇÃO NO BRASIL É A FARSA PROPAGANDA POR LULA ALMA ATÉ SEUS ALIADOS

POR MARCELA DARTO

Desde o início da colonização, no nosso país é o povo preto que tem mais sofrido. Foi sequestrado de suas terras para construir nosso país e dar as bases de formação da potência imperialista inglesa com trabalho escravo. Mesmo no pós-abolição, o Estado brasileiro reforçou sua exclusão, o que é importante para que nosso país possa cumprir seu papel dentro da divisão internacional do trabalho. “Libertos”, jogados na miséria, sem terra, educação, saúde, sofrendo discriminação e repressão, os pretos ainda hoje são quem mais sofre as mazelas da exploração sobre a classe trabalhadora.

A elite branca Brasileira, que já estava preparada para lidar com o processo de abolição, coloca em prática o projeto para lidar com a população preta liberta. Esse projeto se estrutura em cima de três políticas principais: o branqueamento populacional, o controle social e o extermínio do povo preto. O aparato de dominação pouco mudou e os pretos e pretas que saíram das senzalas acabaram em quilombos ou criando nas cidades os bairros africanos, que depois se tornariam as favelas, onde hoje a polícia entra para dar continuidade ao extermínio dos pretos. O índice de mortalidade de jovens pretos de 15 a 24 anos no nosso país é três vezes maior do que a de jovens brancos na

mesma faixa etária, esse índice é resultado de uma política de genocídio sobre a população negra, principalmente de sua juventude, feita pelas mãos da polícia, as forças armadas do Estado.

A população negra é o setor mais precarizado da classe trabalhadora, ocupando os postos de trabalho que não necessitam de especialização mais profunda para serem ocupados. Essa super-exploração dos pretos pressiona cada vez mais para baixo os salários de toda a classe trabalhadora.

Há anos os negros tem sofrido uma política de exclusão social, inclusive no que diz respeito à educação formal. A política de educação não pode ser desligada do plano da burguesia para os negros no Brasil. Hoje temos um índice de 8,9% de analfabetos do país, onde a grande maioria é de negros, devido ao fato de que, segundo os índices de Cor/Raça do IBGE, os brancos estudam 1,6 anos a mais do que os negros.

Enquanto 30,67% das crianças brancas (1,6 milhão) têm idade superior à recomendada nos anos finais do ensino fundamental, entre

as crianças negras, a taxa é de 50,43% (3,5 milhões). Das crianças com mais de sete anos que ainda não estão na pré-escola, 63,5% são pretas, enquanto 36,5% são brancas, no ensino fundamental o índice de retenção dos estudantes pretos também é maior. Em 2008 quase metade das crianças pretas de 6 a 10 anos estava fora da série adequada, contra 40,4% das brancas; entre 11 e 14 anos, o percentual de pretos atrasados subiu para 62,3%.

Quando voltamos nossos olhos ao ensino superior, a desigualdade é ainda mais gritante, em parte pelo resultado de anos de educação precária que afastam o negro da educação desde a infância, em parte pelo imenso esforço feito pela elite para que na universidade só entrem os que passam pelo filtro social mais eficaz já inventado por ela: o vestibular. De todos os entrevistados pelo IBGE, 25,5% dos brancos já haviam frequentado o ensino superior contra apenas 8,2% dos negros. Esse processo de exclusão dos negros da educação formal forjou uma casta intelectual branca que é a que escreveu e pensou a questão negra, como o livro Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre que é um marco importante da tese da

democracia racial. O mito da Democracia racial se coloca enquanto forma de desarticular a população oprimida, cria-se a filosofia da convivência harmoniosa entre a elite branca e os pretos oprimidos, aculturação para o embranquecimento. Uma destruição cultural dos polos. Ao contrário do que diz Freire, e todos os que compram sua ideia de democracia racial, a mistura entre as raças gerou mestiços que também sofrem racismo, os "pardos" das valas preenchidas pela polícia, não existindo de maneira alguma uma "miscigenação" que eliminou os polos da realidade racial brasileira. Partindo de um pressuposto que todas as raças têm as mesmas condições na sociedade, coloca nos setores mais oprimidos e criminalizados toda a culpa por seus próprios problemas sociais.

A discussão sobre cotas raciais nas universidades públicas é um exemplo de como o racismo pode se deixar esconder por traz de um falso mito de democracia racial, transferindo o resultado de uma política de mais de 500 anos de genocídio e descaço social em mera incompetência do povo preto. Se hoje não vemos os pretos nas salas de aula das universidades, nem como estudante, tão pouco como professores, é por que o lugar dado a esses nas universidades é limpando as salas de aula e banheiros, nos postos mais precarizados. O governo Dilma aprovou no senado um projeto de cotas sociais e raciais para serem implementados nas universidades federais, esse projeto prevê 50% de cotas sociais, entre as quais uma porcentagem de cotas raciais de acordo com a porcentagem de pretos e pardos no estado. Para algumas universidades que já

"É PRECISO ENTENDER QUE NÓS PRETOS E PRETAS DEVEMOS LUTAR PELO NECESSÁRIO, NÃO PELO POSSÍVEL NA LEGALIDADE DE UM PODER QUE NOS APRISIONA"

implementaram cotas será um retrocesso, pois terão de diminuir o número de cotas raciais, como é o caso UFABC, que hoje destina 28,3% de suas vagas a negros e terá que diminuir para 16%.

Apesar de nos colocarmos ao lado do movimento negro no combate aos setores de direita que organizam campanhas contra as cotas, para promover a democratização radical do ensino que garantirá acesso pleno à universidade a todo o povo negro, defendemos como programa o fim do vestibular e a estatização das universidades privadas sem indenização.

A garantia de ingresso de pretos nas universidades ainda é muito pouco: é preciso uma política que garanta de fato o acesso do povo preto a educação formal, desde as creches até as universidades!

Se por um lado esse governo abre alguma concessão, dando migalhas ao pretos por outro avança na repressão da classe trabalhadora e no genocídio do povo negro ajudando as UPPs no Rio de Janeiro, mandando o exército reprimir as mobilizações dos trabalhadores das obras do PAC, oferecendo auxílio para o extermínio do povo preto nas favelas de São Paulo, etc.

Garantir educação de qualidade para pretos e pretas é apenas uma pequena parte do processo

de reparação. Reparar os pretos historicamente significa fazer uma transformação radical na sociedade, que vai desde a reforma agrária e urbana até o fim da violência policial e do sistema prisional. E a luta por melhores condições na educação para os pretos não pode estar desligada de todas as outras, por que a falta de moradia, o genocídio da população preta, principalmente de sua juventude, seu encarceramento, a necessidade de trabalhar desde cedo, a ocupação dos cargos mais precarizados, etc, fazem parte do conjunto de fatores sociais que tiram os jovens pretos das escolas desde a infância e que não permitem que os mesmo entrem nas universidades, ou sequer vejam o ensino superior como algo possível em sua vida. Temos que seguir o exemplo de Zumbi de Palmares, Malcolm X, dos Panteras Negras, e vários outros lutadores que se armaram contra a opressão do povo preto. É preciso entender que nós pretos e pretas devemos lutar pelo necessário, não pelo possível na legalidade de um poder que nos aprisiona, e que nossa luta deve ter como norte a certeza de que só seremos livres com a libertação de toda a humanidade, com o fim da exploração da classe trabalhadora.

"NÓS NUNCA TEREMOS LIBERDADE REAL ENTRE BRANCOS E NEGROS NESSE PAIS SEM DESTRUIR ESSE PAIS, SEM DESTRUIR O ATUAL SISTEMA POLÍTICO, SEM DESTRUIR O ATUAL SISTEMA ECONÔMICO SEM REESCREVER A CONSTITUIÇÃO INTEIRA, SEM DESTRUIR TUDO QUE OS EUA SUPOSTAMENTE DEFENDEM."

MALCOLM X

Por Leticia Parks

QUESTÃO NEGRA E MARXISMO: UMA CONCILIAÇÃO NECESSÁRIA PARA A VITÓRIA!

Em diversos momentos da trajetória do movimento operário no Brasil, não foram poucos os momentos em que as direções sindicais e parti-

dárias esquivaram-se de debater a questão negra, alegando que essa questão poderia alavancar uma divisão na classe operária brasileira, que há muitos anos já vem integrada, não existindo mais diferenças entre as raças que convivem no Brasil, devendo ser, portanto, prioridade do movimento operário e da juventude, levar em frente as lutas que integram esses diferentes setores em torno da questão de classe.

Outros setores da esquerda alegam que para tal questão a única pauta é a revolução, não havendo antes dela, nem mesmo dentro dela, questões específicas ligadas a questão negra, ou a outros setores oprimidos pelo capitalismo, como as mulheres e os homossexuais.

Nós da Juventude às Ruas!, em contraposição a essas concepções, reconhecemos profundamente o papel da revolução para a libertação de todos os povos oprimidos, e que se levada a frente a estratégia correta, como na revolução proletária vivida na Rússia em 1917, com autoorganização dos trabalhadores, atendendo às demandas democráticas mais sentidas pelos camponeses e mulheres, é possível alcançar aos negros demandas inéditas como as alcançadas pelas mulheres e camponeses no início do séc XX: a União Soviética foi o primeiro Estado a legalizar o aborto, o divórcio e a estabelecer plenamente a reforma agrária.

A fuga das direções do movimento operário em relação a questão negra não se deu por um apego ao marxismo, mas ao stalinismo. Tratar a questão negra como uma questão de divisão da classe foi política do PCB durante toda a sua construção no séc XX e até hoje. A degeneração burocrática promovida por Stalin foi acompanhada do retrocesso sobre a questão da mulher, agrária e homossexual após a morte de Lênin, como política consciente para dentro do Estado operário.

Para o marxismo, desde sua origem, a questão da mulher e do negro, em meio a outros setores oprimidos pelo capitalismo, sempre se deu como tarefa central, sendo para qualquer comunista, apegado aos seus preceitos históricos e teóricos fundamentais do marxismo, absurda a ideia de libertar-se sobre o aprisionamento de outros povos, outras etnias ou outros gêneros.

se levada a frente a estratégia correta, como na revolução proletária vivida na Rússia em 1917 (...) é possível alcançar aos negros demandas inéditas como as alcançadas pelas mulheres e camponeses no início do séc XX: a União Soviética foi o primeiro Estado a legalizar o aborto, o divórcio e a estabelecer plenamente a reforma agrária.

Em uma sociedade dividida em classes, com a burguesia, por um lado, impondo a dinâmica econômica que a favorece e junto a isso a ideologia que sustenta a manutenção de seu poder, e por outro, os trabalhadores, vendendo sua força de trabalho e lutando pela sua sobrevivência, carregado da ideologia burguesa que impregna nosso cotidiano; é impossível compreender a questão do racismo por fora de encará-lo como uma política que é imposta e propagada pela burguesia. No mundo capitalista, nada existe a não ser que gere exorbitantes lucros. Se não houvesse lucro sobre o machismo, este não se manteria. Se não houvesse lucro sobre o racismo, esse não se manteria. O racismo dá altos lucros para a burguesia ao convencer setores amplos dos trabalhadores de que pode-se semi-escravizar toda uma população justificando-se apenas na sua cor de pele. Com isso, faz com que a força de trabalho de uma mulher negra valha ao menos 6 vezes menos do que a força de trabalho de um homem branco, para quem a burguesia é obrigada a pagar salários muito mais altos.

A partir de 1905, Lênin, um importante militante e estrategista marxista, elabora o conceito de tribunais do povo para os sindicatos operários. Com essa política, coloca a limitação existente entre as reivindicações dos operários sindicalizados e dos operários que, pela precarização do trabalho, são furtados

Para o marxismo desde sua origem, a questão da mulher e do negro (...) sempre se deu como tarefa central, sendo para qualquer comunista (...) absurda a ideia de libertar-se sobre o aprisionamento de outros povos, outras etnias ou outros gêneros.

só pode assegurar esses direitos a classe que não tem sobre as vidas das massas o interesse no lucro, na especulação e na parasitagem, e que essa classe é a classe operária.

da possibilidade de organizar suas demandas em torno de um organismo político centralizador. Sendo assim, seria papel das organizações operárias sindicais e partidárias levar as reivindicações do povo mais oprimido para o seio das reivindicações dos trabalhadores sindicalizados, assim como, para a juventude organizada no movimento estudantil, levar ao seio de sua base as reivindicações dos setores mais oprimidos e da classe operária, que não é representada pelo movimento estudantil de maneira direta como o é nos sindicatos.

É parte constitutiva dos atrasos da esquerda e do movimento negro atualmente considerar que a trincheira das reivindicações do movimento negro atualmente está por fora da luta de classes, e que é possível que a burguesia seja o sujeito capaz de alcançar as reivindicações históricas dos negros, oprimidos há séculos em nosso país e em todo o mundo. Entretanto, é possível que uma classe que se pauta apenas por seus lucros e poder entregue definitivamente nas mãos dos negros todas as suas exigências básicas, muitas das quais não se colocam como demandas socialistas, mas simplesmente demandas democráticas que deveriam ser atendidas por um Estado que se diz democrático? Pode a burguesia brasileira, responsável pela existência de tantos sem terra em nosso país, entregar aos negros a Reforma Agrária tanto reivindicada? Pode a burguesia entregar aos negros, depois de séculos de expulsão do ensino básico para forjar mão de obra semi escrava para o trabalho precário, garantir ensino laico, gratuito e de qualidade para todos os negros desde a infância até a vida adulta? Pode a burguesia brasileira acabar com a violência policial, ela que precisa assassinar no campo e nas cidades para garantir a "paz social" que mantém seus lucros assegurados reprimindo os trabalhadores precários moradores de favelas?

É de nossa opinião que só pode assegurar esses direitos a classe que não tem sobre as vidas das massas o interesse no lucro, na especulação e na parasitagem; e que essa classe é a classe operária. É parte da estratégia marxista para a transformação da sociedade a ideia e a prática de que o terreno da luta contra o racismo não são as alianças espúrias estabelecidas entre grupos reformistas e governo (que apesar de se dizer dos trabalhadores, governa para a burguesia), tampouco é a negação da existência do racismo ou de demandas específicas dos negros. Nosso terreno é o terreno da luta de classes, contra a burguesia e contra seus agentes, seja a polícia ou a justiça burguesa, pela conquista de demandas que não possam nos ser retiradas. Lutamos para convencer todos os setores da classe operária de que cada demanda dos negros é também uma demanda de todos os trabalhadores brasileiros, americanos, venezuelanos, haitianos, espanhóis, portugueses, italianos... A questão negra é uma questão mundial e uma tarefa de hoje, que deve em cada pequena luta levar a um profundo questionamento do sistema capitalista e da divisão entre classes que legitima o poder de uma classe com interesses opostos ao pleno desenvolvimento dos seres humanos como o que são: diferentes, plurais, criativos, coloridos.

Como parte da estratégia marxista, consideramos fundamental apropriar-se de nossa história, pois só assim é possível aprender com os acertos e erros já realizados por nossa classe organizada. Para nossa história, os indivíduos são fundamentais, e por vezes colaboram de maneira determinada, com suas ideias e sua decisão, os rumos das lutas levadas a frente pelos trabalhadores. Sendo os negros um dos setores mais explorado de toda a classe por todo o mundo, a decisão e a coragem daqueles negros e negras que se organizaram na luta pelo fim de sua escravidão antes e depois do capitalismo moderno, são figuras essenciais de serem resgatas e fortemente reivindicadas por todos os trabalhadores e pela juventude, como os fios de continuidade de uma tradição a ser retomada na classe operária brasileira e mundial de profunda conexão entre a opressão às negras e negros e o fim da exploração sobre a classe trabalhadora de conjunto.

a decisão e a coragem daqueles negros e negras que se organizaram na luta pelo fim de sua escravidão antes e depois do capitalismo moderno são figuras essenciais de serem resgatas e fortemente reivindicadas por todos os trabalhadores e pela juventude.

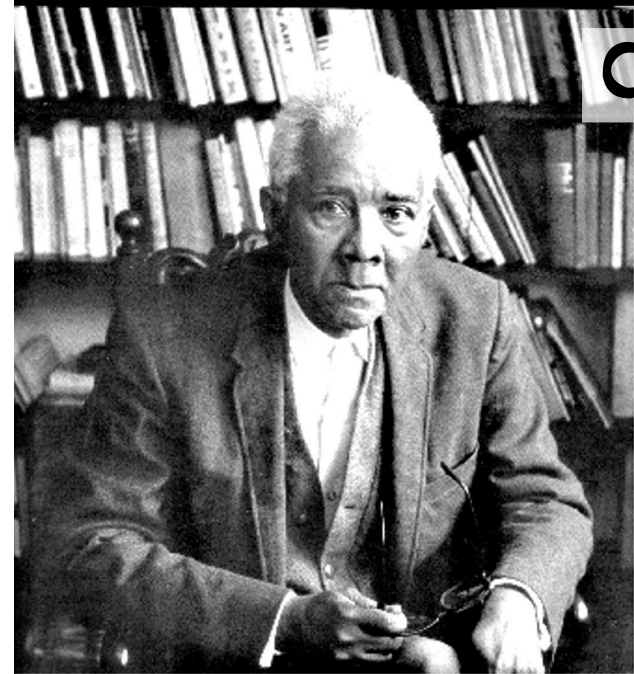
Zumbi dos Palmares (1655 - 1695)

O Quilombo de Palmares foi o maior quilombo que já existiu na história de luta dos negros contra a escravidão. Nele os negros resistiram por mais de 1 século contra as constantes investidas do Império para acabar com essa cidade, que representava um grande risco para a corte por conta de seus mais de 20 mil moradores. Zumbi é o líder que assume tal aposto após a queda de Ganga Zumba, líder anterior que havia negociado o fim de Palmares com a corte portuguesa. Zumbi demonstrou-se então um grande estrategista, e no pior tempo de ataques, conseguiu manter o quilombo vivo por décadas, até que é entregue por seu braço direito, Antonio Soares, e morto pelos bandeirantes liderados por Domingos Jorge Velho. Zumbi é exemplo de resistência e de coragem não só para os negros, mas para todos os trabalhadores do mundo, sendo uma das primeiras experiências, antes mesmo do Haiti, em que a emergente burguesia branca é desafiada por um subalterno.



C L R James (1901 - 1989)

James foi um importante escritor e militante trotskista, que por anos comunicou-se com Trotsky, junto a outros militantes da década de 30, para forjar nos EUA o que seria a primeira organização americana a colocar-se contra a política stalinista para a URSS e para os outros importantes importantes processos que se abriam na época, que por política da III Internacional, foram derrotados, jogando sobre a classe operária décadas de sentimento de derrota. C L R James dedicou parte de sua vida para aprofundar os estudos sobre a história de luta dos negros, tendo importantes elaborações sobre os negros nos EUA e sua mais conhecida publicação sobre a Revolução Haitiana, onde retoma a figura de Toussaint Louverture, líder da revolução e outro importante estrategista negro. James representou a necessidade e indissociabilidade entre a questão negra e o marxismo, e interdependência entre tais discussões para a vitória dos trabalhadores e da juventude sobre o capital.



Huey P Newton (1942 - 1989)

Huey foi um poeta, revolucionário e um dos fundadores do Partido dos Panteras Negras, primeiro partido só de negros no mundo a reivindicar o marxismo como lente para analisar a sociedade e lutar contra o capitalismo. Huey era estudante de direito, e por essa via contribuiu com a consciência dos negros ao demonstrar-lhes que as leis ditas universais na Constituição americana não passavam perto de serem direitos dos negros, formulando assim os 10 pontos da plataforma dos Panteras, que demonstram como para adquirir direitos básicos, os negros foram obrigados a se armar, lutar contra o Estado e sua força policial e foram fortemente reprimidos por isso, levando muitos dos Panteras à morte. Huey foi um deles. Aos 47 anos foi assassinado a tiros por uma conspiração do Estado contra a organização.



João de Mattos (viveu provavelmente entre os anos de 1850 e 1900)

João de Mattos foi um líder sindical padeiro que na década de 1870 em diante organizou levantes da categoria para libertar seus companheiros escravizados. O primeiro levante do qual se tem notícia é o de 1876 em Santos, onde os padeiros escravos de 5 padarias abandonaram o local de trabalho com cartas de alforria falsas preparadas por João. Tal acontecimento se repete em 1877 em São Paulo com um número ainda maior de padarias e com os negros recém libertados seguindo João até o Rio de Janeiro, onde realizaram por anos façanhas do tipo. Em 1878, João com seus companheiros fundam o Bloco de Combate dos Empregados em Padarias, que com o lema de *Pelo pão e pela liberdade* organizou cerca de 100 associados. Com a abolição em 1888, após uma série de levantes, João demonstra em suas cartas que ainda era preciso lutar pela liberdade dos escravizados livres, demonstrando que com o fim da escravidão não se acabou a superexploração dela proveniente. João é um grande exemplo a ser resgatado e aplicado nos dias de hoje, quando infelizmente os sindicatos ignoram que dentro dos locais de trabalho que visitam os negros seguem sendo os superexplorados, e que é preciso uma unidade entre toda a classe trabalhadora para lutar contra a precarização do trabalho.

